



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Janeiro - 2026

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$378.538.052,20	12.250	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Janeiro/2026

Distribuição por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,96	1,20%	19.754	R\$13.837.292,64
	Receitas	Despesas	
	R\$4.973.827,83	-R\$ 424.603,12	

*% a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

COMENTÁRIO DO GESTOR

Rendimentos

Em janeiro, o BB FI FIAGRO apresentou rentabilidade mensal de 1,34% na cota patrimonial, impulsionada pela boa performance dos ativos. Esse desempenho permitiu manter a distribuição de rendimentos em R\$ 0,96 por cota, apoiado também pelos rendimentos acumulados e pelo lucro contábil do fundo.

O Dividend Yield foi de 1,20%, equivalente a 102,86% do CDI sobre o valor de mercado — isento de imposto de renda para pessoa física — reforçando o compromisso do fundo com a geração de valor aos cotistas.

Carteira

A carteira de CRAs permanece bem diversificada: 49,72% do patrimônio líquido está alocado em emissões indexadas ao CDI, que apresentam yield médio de CDI + 1,96% a.a. e duration de 594 dias úteis. A exposição indexada ao IPCA, que corresponde a 26,30% do portfólio, possui yield médio de IPCA + 9,69% a.a. e duration de 382 dias úteis. Já a parcela prefixada, representando 3,54% do PL, entrega yield de 13,82% a.a. e conta com duration média de 1.130 dias úteis. Além disso, o fundo mantém 3,57% do patrimônio líquido investido em FIDCs FIAGRO, os quais apresentam yield de 2,86% a.a.

Encerramos o mês com uma liquidez de 16,86% do PL, o que nos dá flexibilidade para buscar novas oportunidades de alocação nos mercados primário e secundário, com foco na diversificação entre os principais setores do agronegócio.

O valor da cota encerrou o mês de dezembro sendo negociado com um desconto aproximado de 16% em relação à cota patrimonial. Consideramos esse cenário uma oportunidade atrativa, dado que a carteira conta com mais de 38 emissores, yield média superior a CDI + 1,69% ao ano e duração média próxima de 2,18 anos — características que reforçam o potencial do fundo como uma alternativa eficiente de diversificação, que contribui para o desenvolvimento da cadeia agroindustrial brasileira e conecta o investidor às oportunidades do campo com segurança e solidez.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Aliança Agrícola

Em janeiro de 2026, foi concluído com êxito o resgate antecipado total do CRA Aliança Agrícola (259ª emissão – série CRA02300CI2), encerrando de forma definitiva uma operação acompanhada de perto pela gestão. Conforme comunicado ao mercado pela EcoAgro, na qualidade de securitizadora, os recursos mantidos na conta vinculada da emissão foram suficientes para a liquidação integral do CRA, abrangendo o valor nominal, juros, juros de mora e multa, em conformidade com os termos contratuais. O resgate ocorreu em 27/01/2026, nos termos do Termo de Securitização, sem prejuízo financeiro ao fundo.

Esse desfecho confirma a tese adotada desde o início do evento de crédito, com recuperação integral do investimento, sem necessidade de constituição de provisões, contribuindo positivamente para a previsibilidade e a qualidade da carteira.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	25,67%	6,89%	9,87%
CDI +	38,62%	2,76%	5,85%
% CDI	14,82%	106,09%	103,24%
Prefixado	3,42%	13,74%	14,19%
Operação Compromissada	17,46%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

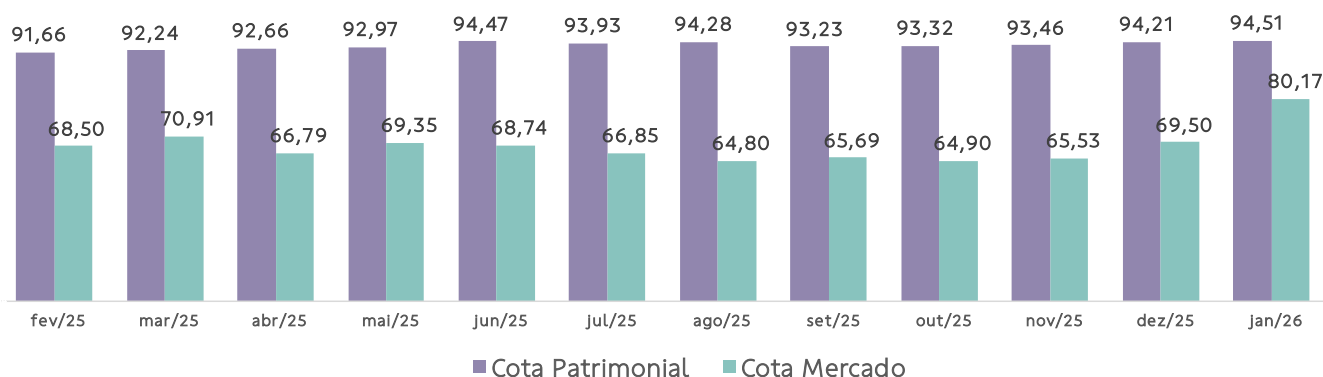
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
LAR COOPERATIVA								
21/08/2025	16/08/2032	3.000	R\$ 2.965.934,70	0,77%	PRE	14,55%	15,03%	CRA025006NB
21/08/2025	15/08/2030	12.000	R\$ 12.271.750,37	3,17%	%CDI	106,00%	101,79%	CRA025006NA
VALE DO TIJUCO								
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.556.103,38	3,24%	CDI	1,60%	1,29%	CRA0240099E
11/06/2025	16/10/2034	8.000	R\$ 8.370.735,58	2,16%	CDI	1,48%	1,29%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 9.138.738,78	2,36%	IPCA	6,90%	8,71%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 5.103.302,40	1,32%	IPCA	6,62%	8,71%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 6.411.023,65	1,66%	IPCA	7,09%	8,71%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.107.693,87	2,61%	CDI	1,10%	1,34%	CRA02400AHV
22/09/2025	15/09/2032	3.500	R\$ 3.629.428,00	0,94%	PRE	14,48%	14,50%	CRA025007KE
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 608.552,43	0,16%	CDI	1,40%	1,03%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 836.759,59	0,22%	CDI	1,50%	1,03%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 2.558.326,73	0,66%	CDI	5,35%	3,33%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.644.734,37	0,68%	CDI	1,50%	3,36%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.997.953,00	0,52%	CDI	2,90%	3,20%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 10.017.387,82	2,59%	CDI	3,00%	3,16%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 324.025,72	0,08%	CDI	5,00%	9,48%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 834.229,11	0,22%	CDI	4,50%	10,36%	CRA022007KF
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 21.765.926,04	5,63%	IPCA	6,23%	9,85%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 9.036.261,92	2,34%	CDI	3,00%	2,70%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 22.889.206,00	5,92%	IPCA	7,47%	9,91%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 7.595.114,74	1,96%	IPCA	7,18%	11,61%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 7.986.119,27	2,06%	IPCA	6,53%	8,72%	CRA022003JT
10/10/2025	15/10/2032	2.000	R\$ 2.072.823,11	0,54%	CDI	0,33%	0,21%	CRA025008NB
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.667.168,52	4,31%	IPCA	6,99%	10,97%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 1.761.333,88	0,46%	IPCA	7,20%	10,43%	CRA022006BU
EXPOCACER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 914.561,30	0,24%	CDI	4,50%	4,29%	CRA02200798

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 7.048.272,18	1,82%	CDI	1,50%	1,50%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 2.771.697,87	0,72%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 3.009.559,96	0,78%	CDI	3,50%	3,52%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 2.006.373,31	0,52%	CDI	3,85%	3,52%	CRA022008YD
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 2.049.157,47	0,53%	CDI	2,95%	1,30%	CRA0220099D
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.047.059,88	0,27%	CDI	2,10%	3,51%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.066.868,01	0,79%	CDI	3,00%	1,95%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 881.925,65	0,23%	CDI	4,70%	4,41%	CRA023006SH
12/06/2025	27/12/2027	4.514	R\$ 1.990.506,20	0,51%	CDI	4,63%	4,41%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.013.069,98	0,78%	CDI	3,80%	3,71%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.013.069,98	0,78%	CDI	3,80%	3,71%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.682.046,32	0,43%	CDI	3,67%	3,71%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.532.674,95	1,95%	CDI	3,75%	3,71%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 7.061.009,20	1,82%	CDI	5,00%	3,98%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.598.491,77	0,93%	PRE	11,96%	12,97%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.119.107,11	1,32%	%CDI	105,00%	103,39%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.347.996,27	0,35%	CDI	3,50%	1,62%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 2.695.183,90	0,70%	CDI	3,50%	1,62%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 3.162.659,18	0,82%	CDI	3,00%	156,31%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 688.784,77	0,18%	CDI	4,00%	2,77%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 4.747.414,99	1,23%	CDI	3,50%	3,73%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.046.819,83	2,85%	%CDI	109,00%	102,33%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 14.799.276,64	3,82%	%CDI	104,00%	102,33%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.028.946,23	1,30%	CDI	2,30%	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.106.059,16	1,06%	CDI	2,35%	1,87%	CRA025000MJ
COOXUPE								
01/07/2025	17/06/2030	10.000	R\$ 10.037.202,93	2,59%	%CDI	107,50%	108,22%	CRA025003UZ
BOA SAFRA								
02/09/2025	16/02/2032	4.000	R\$ 4.090.087,63	1,06%	%CDI	104,00%	100,88%	CRA025006SR
SÃO SALVADOR								
13/10/2025	17/10/2033	3.000	R\$ 3.052.825,66	0,79%	PRE	14,18%	14,44%	CRA025008ND
MULTITECNICA								
17/11/2025	17/01/2031	5.000	R\$ 5.092.746,50	1,32%	CDI	1,30%	1,30%	CRA025008SS
URA AGRO								
12/06/2024		5.898	R\$ 3.497.437,11	0,90%	CDI	4,75%	4,75%	BR023VCTF0J2
SUMITOMO								
04/08/2025		9.825.971	R\$ 10.034.888,83	2,59%	CDI	2,20%	2,20%	BR0DG5CTF008

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de janeiro, a carteira do BBGO11 observou 67,71% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 32,29% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 25,67% dos CRAs, ao CDI 53,45% e prefixados 3,42%, diversificados em 41 diferentes emissores.

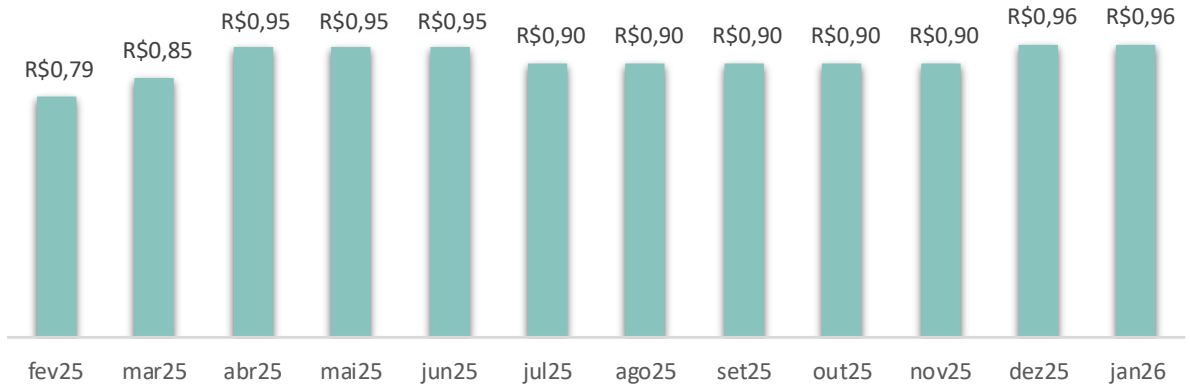


Demonstrativo de Resultado

DRE (R\$ Milhões)	ago2025	set2025	out2025	nov2025	dez2025	jan2026
Receitas	5,81	-0,33	4,07	4,22	6,04	5,40
Rendimento CRA	3,52	3,84	4,08	3,23	3,64	3,57
MTM CRA	1,12	-4,91	-0,71	0,41	-0,15	0,94
Outras Receitas	1,16	0,73	0,70	0,59	2,55	0,89
Despesas	-0,42	-0,41	-0,43	-0,36	-0,40	-0,42
Taxa de Administração	-0,19	-0,20	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03
Outras Despesas	-0,23	-0,20	-0,40	-0,33	-0,37	-0,39
Resultado Líquido	5,39	-0,74	3,64	3,87	5,64	4,97
Distribuição	3,60	3,60	3,60	3,60	3,84	3,84
Resultado por cota (R\$)	1,35	-0,18	0,91	0,97	1,41	1,24
Distribuição por cota (R\$)	0,90	0,90	0,90	0,90	0,96	0,96

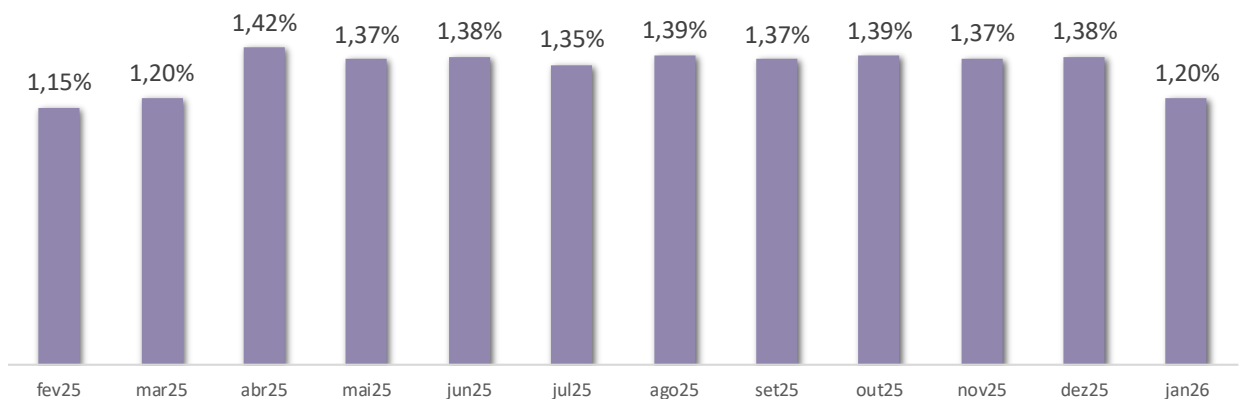
Rendimentos Mensais

Dividendos (mensal)



No mês o BBGO11 distribuiu R\$0,96 por cota equivalente a um dividend yield de 1,2% a.m. Anualizando este valor obtém-se um dividend yield de 15,39% a.a. Utilizando o CDI do mês de janeiro de cerca de 1,16%, este rendimento equivale a uma rentabilidade de 121,7% do CDI não isento de imposto de renda.

Dividend Yield da Carteira (mensal)

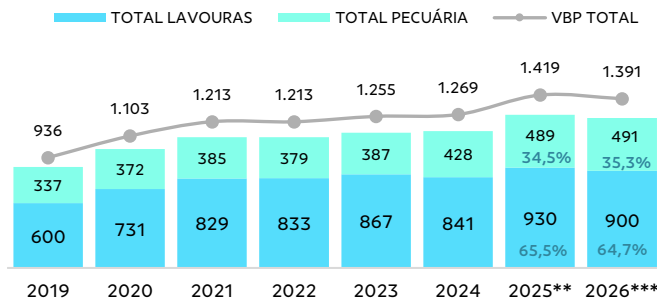


Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

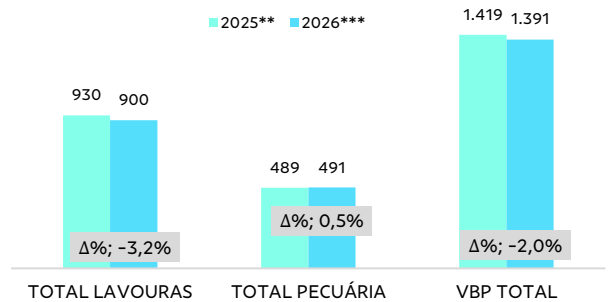
Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária em dezembro de 2025, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) projetado para 2026 é de R\$ 1,391 trilhão, sinalizando queda de 2% frente ao ano de 2025, cujo faturamento estimado tenha sido de R\$ 1,419 trilhão. As estatísticas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de dezembro de 2025.

VBP da Lavoura e Pecuária*



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Dezembro/2025
 ** Valor Preliminar
 *** Projeção
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária*



* Valores em termos reais, deflacionados pelo IGP-DI de Dezembro/2025
 ** Valor Preliminar
 *** Projeção
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

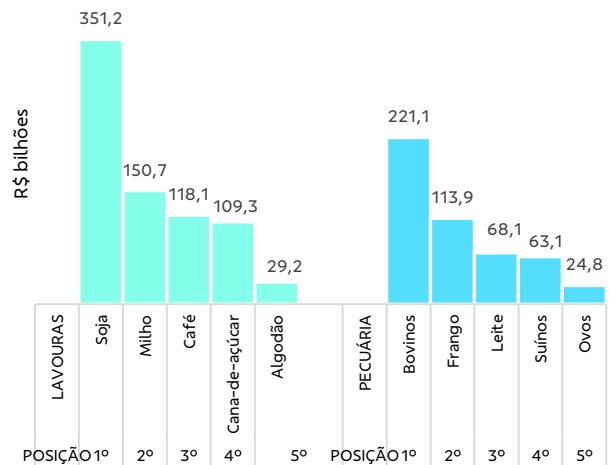
Após crescer 10,6% em 2025, resultado da combinação entre aumento da produção física e valorização de preços em algumas atividades da agricultura, as projeções iniciais para 2026 mostram perda de faturamento de 3,2% nas lavouras, puxada por relevantes culturas agrícolas como cana-de-açúcar e milho.

De acordo com os levantamentos de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção de ambas culturas devem retrair no ciclo 2025/26 em decorrência de menor produtividade.

Na pecuária, passado a forte expansão de 14,3% do VBP em 2025, influenciado por altos volumes de abate de bovinos, valorização de preços e bom desempenho nas cadeias de aves e suínos, o faturamento deve crescer marginalmente (0,5%) em 2026.

Os principais destaques na pecuária seguem nas cadeias de bovinos, suínos e aves. No caso da pecuária bovina de corte, apesar da esperada reversão do ciclo e queda nos abates, preços valorizados ainda devem dar suporte ao bom faturamento neste ano.

VBP nas principais atividades

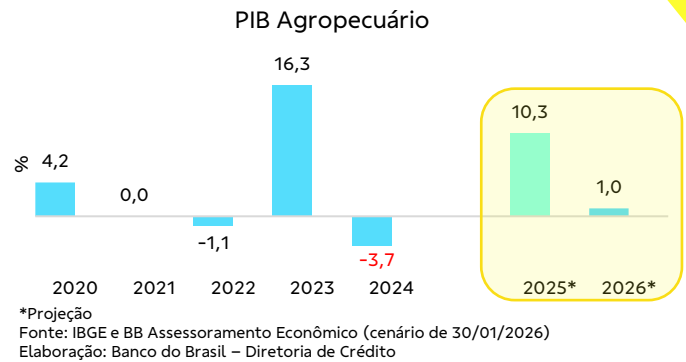


Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Dezembro/2025
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

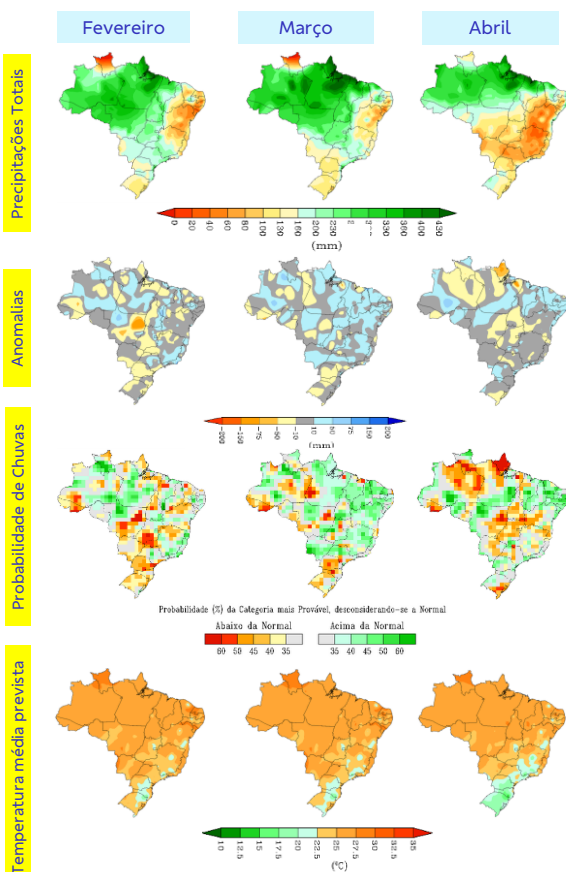
PIB Agropecuário

O PIB fechado do ano de 2025 deve indicar expansão de 6,0% no setor, com principais impulsos vindos da produção recorde de grãos no ciclo 2024/25, após perdas na safra 2023/24 por condições climáticas adversas.

Para 2026, projeta-se novo crescimento, embora em forte desaceleração, com esperado recuo na produção de algumas culturas como algodão, arroz e milho.



Clima



Observações: "Precipitações totais" indicam a quantidade de chuvas esperadas em milímetros. "Anomalias" aponta grandes desvios em milímetros comparativamente à média histórica. "Probabilidade de Chuvas" acima ou abaixo do normal.

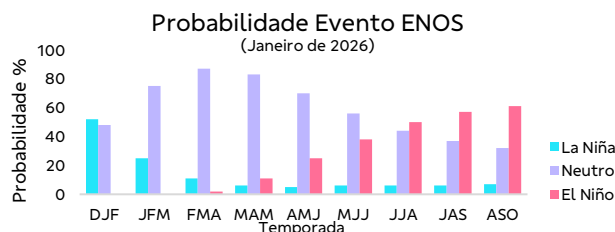
Conforme projeções do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), são esperados grandes volumes de precipitação no país até março, com destaque para as regiões Norte e Centro-Oeste. No mesmo período, o Nordeste e o Sul devem incorrer em menores índices pluviométricos e não são esperadas anomalias representativas em todo o país. Em abril, por sua vez, as chuvas reduzem no Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, movimento típico do período, com alguns pontos dessas regiões ainda se esperando probabilidades acima do normal.

No mais, as temperaturas continuam predominando entre 25°C e 27,5°C e, de maneira geral, o clima ainda beneficia as lavouras e as atividades pecuárias nos próximos três meses. Maior atenção, no entanto, fica para alguns pontos da região Sul, especialmente no Paraná, com probabilidades de chuvas abaixo do normal entre fevereiro e março, assim como alguns trechos nos estados do Mato Grosso e Goiás.

Esse quadro climático segue dando suporte para as atuais estimativas de produção de grãos no ciclo 2025/26, inclusive mitigando riscos para a safrinha de milho.

Em relação aos eventos climáticos El Niño-Oscilação Sul (ENOS), a última previsão do *International Research Institute for Climate and Society* (IRI), da Universidade de Columbia, em parceria com o *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), segue confirmando que, apesar do fenômeno La Niña permanecer ativo, perdeu força e são altas as probabilidades de transição para estado de neutralidade até março de 2026. No entanto, após esse período, passa a predominar maior probabilidade de um novo El Niño em meados de 2026.

Se confirmado e a depender de sua intensidade (análises preliminares apontam que o fenômeno pode ser moderado ou forte), as regiões Norte e Nordeste do País podem sofrer com redução de chuvas, ao passo que na região Sul pode haver excesso. No Centro Oeste, aumento da temperatura pode ser observado. Nesse quadro, adiciona-se preocupações para o ciclo agrícola 2026/27.

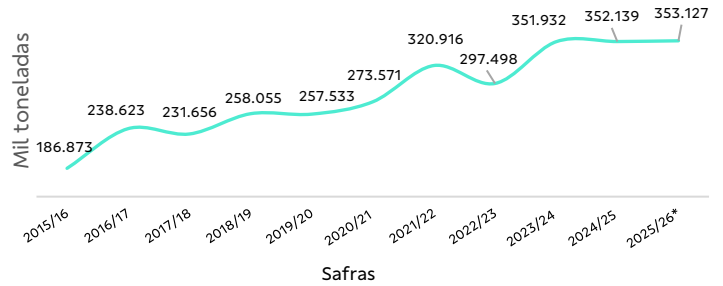


Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA
 Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Destaques – Produção de Grãos

Para a safra 2025/26, o quarto levantamento da Conab indica uma produção total de 353,1 milhões de toneladas, volume 0,3% ou aproximadamente 1,0 milhão de toneladas superior ao obtido em 2024/25. Ainda segundo a Conab, a área a ser semeada deverá crescer 2,6% em relação ao ciclo anterior, sendo estimada em 83,8 milhões de hectares. Esse incremento representará a incorporação de 2,1 milhões de hectares ao cultivo no conjunto das três safras do ciclo 2025/26.

Produção Brasileira de Grãos



* Projeção.

Fonte: Conab - 4º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - Janeiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

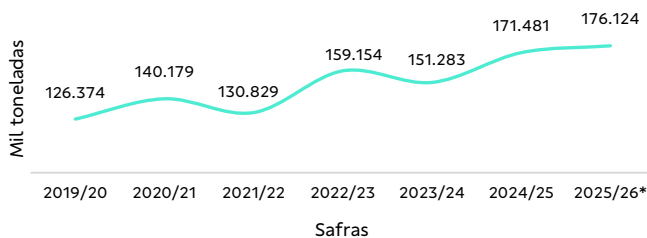
Em razão da ampla extensão territorial e da diversidade climática do Brasil, o calendário agrícola nacional contempla três safras distintas ao longo do ano. A primeira safra tem semeadura entre o final de agosto e dezembro. Na segunda safra ou "safrinha" os plantios são realizados entre janeiro e meados de abril, enquanto a terceira safra e culturas de inverno têm os cultivos iniciando entre abril e junho. A segunda safra, bem como parte das culturas de inverno e da terceira safra, sucede à colheita da primeira safra, aproveitando o ciclo anterior para otimizar o uso da terra e dos recursos produtivos. Assim, sobressai a importância do cultivo adequado na primeira safra, com janela correta de produção, para influenciar o bom desempenho das safras subsequentes.

Soja

Com aproximadamente 10% da safra 2025/26 já colhida no final de janeiro de 2026, a produção estimada do ciclo deve atingir 176,1 milhões de toneladas, 2,7% superior à registrada no ciclo 2024/25, o que representaria novo recorde de produção.

A área plantada da oleaginosa avançou 2,8% no ciclo, sendo que, além da demanda externa pelo grão continuar sendo importante fator de estímulo ao cultivo, o consumo interno segue aquecido, impulsionado pelas indústrias de alimentos, ração animal e óleo de soja. Esse avanço na área de cultivo da soja só não foi maior devido ao cenário de crédito mais restrito, atratividade econômica da pecuária de corte e estiagem registrada entre o final de novembro e o início de dezembro em algumas regiões.

Produção Brasileira de Soja



* Projeção.

Fonte: Conab - 4º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26-Jan/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	13,3%	2,7%
Produtividade (kg/ha)	10,3%	-0,1%
Área (ha)	2,7%	2,8%

*Projeção

Fonte: Conab - 4º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Jan/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Na indústria, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) projeta aumento na demanda, com estimativa de esmagamento de 61 milhões de toneladas de soja em 2026, crescimento de 4,3% em relação aos 58,5 milhões de toneladas de 2025. O farelo de soja, principal derivado, deve registrar alta de 4,2% na produção em 2026, após crescer 5,7% em 2025, impulsionada pela demanda externa para ração animal. Já a produção de óleo de soja encerra 2025 evoluindo 3,2% e deve crescer 4,7% em 2026, sustentada pelo consumo interno da indústria alimentícia, especialmente para óleo de cozinha.

Preços e Custos – Ao longo de 2025, os custos das lavouras permaneceram pressionados, com destaque para os gastos com fertilizantes e defensivos, o que tornou as margens menos atrativas para os produtores, haja vista que os preços não apresentaram valorização compatível. O principal fator de alta nos insumos continua sendo a restrição de oferta diante de uma demanda global aquecida. Além disso, o custo do capital segue elevado, refletindo a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista, o que encarece o financiamento da produção e as necessidades de capital de giro.

Prospectivamente, os custos dos insumos seguem sob atenção e as primeiras compras para o próximo ciclo já mostram algumas fórmulas com dinâmicas de preços mais pressionadas mesmo antes da entrada efetiva da demanda. Além disso, o setor permanece vulnerável a possíveis tensões geopolíticas capazes de desestabilizar fundamentos do mercado.

Em relação à cotação da commodity, após trajetória de forte retração entre 2022 e início de 2024, os preços mostraram tendência gradual de recuperação, embora com oscilações típicas de mercado e em ritmo não capaz de acompanhar as pressões observadas nos custos de produção. Porém, ao longo do mês de janeiro de 2026, conforme a colheita da safra 2025/26 avançou no Brasil, o sentimento de oferta cresceu, pressionando as cotações para baixo no mercado interno. Da mesma forma, a produção mundial de soja para a safra 2025/26 foi revisada para cima em janeiro.

Vale destacar também que a adoção de política protecionista pelos EUA contra a China alterou o ritmo de compras chinesas pela soja brasileira em 2025, gerando maior demanda e prêmios mais pressionados nos portos no primeiro momento, ainda que o contexto tenha fragilizado o preço de referência internacional na bolsa de Chicago.

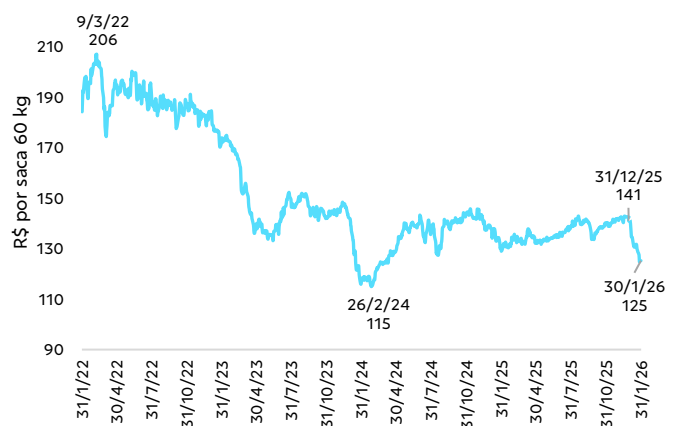
Com o acordo entre os dois países em outubro prevendo retomada das compras da soja americana pela China, níveis de estoques já adquiridos pelo país chinês e a ampla oferta global da commodity, não se vislumbra espaço para movimentos mais consistentes de valorização à frente, ainda que a forte demanda por biodiesel, as incertezas ainda presentes com a guerra tarifária, volatilidades cambiais esperadas e os riscos de um novo EL Niño no segundo semestre possam exercer outras forças nas cotações ao longo de 2026.

Na indústria, por sua vez, a ausência de expectativa de valorização mais acentuada nos preços futuros da commodity representa algum alívio em termos de custos de produção nas empresas da cadeia produtiva da soja, tais como produtoras de óleo, biodiesel, farelo e ração animal.

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino, que respondeu por 78,9% das exportações do país em 2025. A produção brasileira recorde no ciclo 2024/25, a demanda externa aquecida e a guerra comercial entre EUA e China foram fatores que beneficiaram as vendas externas no ano, cujo incremento, segundo a Abiove, foi de 9,5% em 2025. Com a expectativa de continuidade na demanda global e de nova expansão na produção brasileira no ciclo 2025/26, projeta-se a continuidade do crescimento das vendas externas do Brasil em 2026, cujo incremento deve ser de 3,1% em 2026, conforme projeção da Abiove.

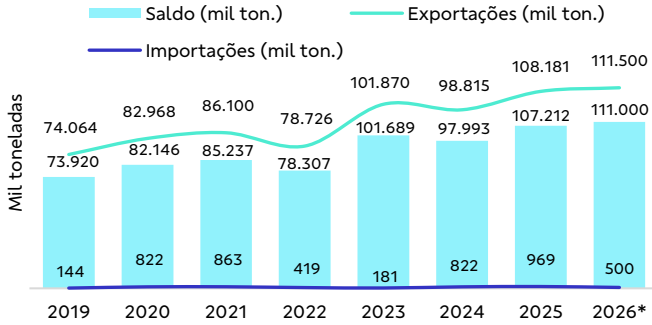
Para a indústria de farelo de soja, as estatísticas da Abiove apontam para uma expansão de 0,7% nas exportações em 2025 e de 5,6% em 2026, mesmo diante de um cenário de consumo interno aquecido, com crescente demanda da indústria de ração animal. Paralelamente, há, ainda, a demanda interna de soja pela indústria de óleo (óleo de cozinha e biodiesel) com significativo potencial de crescimento, o que limita a capacidade de exportações.

Indicador Soja Esalq/B3 – Paranaguá



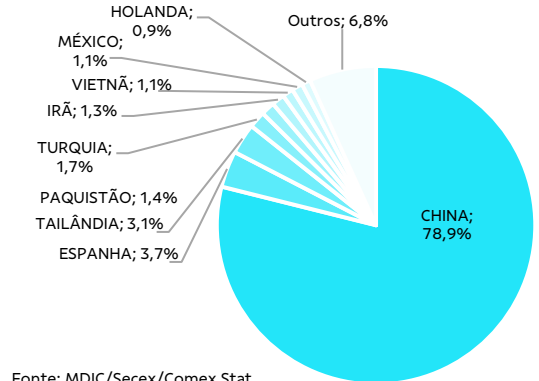
Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Balança Comercial - Soja em Grãos Acumulado/Ano



*2026 = Projeção Abiove
 Fonte: Abiove, Secex e Agroatat
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações por Destino Complexo da Soja - Acumulado em 2025



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Milho

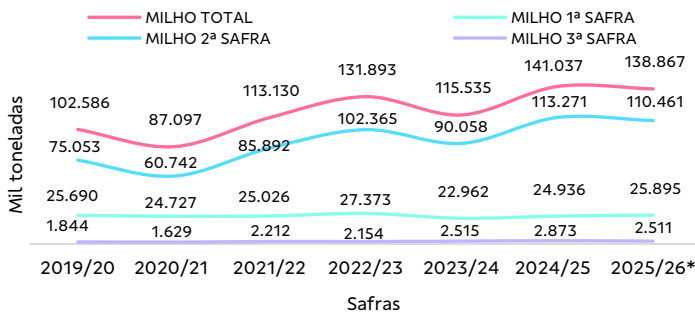
Após o desempenho recorde da safra 2024/25, impulsionado por ganhos de produtividade e expansão da área plantada, o ciclo 2025/26 avança com a colheita da primeira safra em curso e estimativas de redução de 1,5% na produção do conjunto das três safras, segundo a Conab, embora ainda represente o segundo maior volume registrado no país.

Na 1ª safra, cujo plantio ocorre de setembro a novembro e a colheita entre janeiro e abril, as estimativas apontam para reversão da tendência de retração de área plantada observada nos últimos anos, ampliando em 6,8%, e com produção crescendo 3,8%. Esse movimento de expansão no plantio ocorre por meio da migração de cultivo de arroz e feijão, ainda que a boa produtividade do último ciclo não deva se repetir, sendo esperada queda de 2,8% na produtividade.

Para a 2ª safra, "safrinha", mais expressiva e atualmente em fase inicial de plantio, as estimativas apontam para condição semelhante em termos de maior área plantada e menor rendimento, que, nesse caso, deve levar a produção a uma redução de 2,4% em relação à safra correspondente do ciclo 2024/25. O atraso e ou necessidade de replantio da soja em algumas regiões, assim como a redução no pacote tecnológico usado pelos produtores e outras alternativas de cultivo como sorgo, feijão, milho ou plantas de serviço são os principais vetores de riscos que podem comprometer as estimativas à frente.

Já a 3ª safra do período 2025/26, com um montante de produção mais residual, inicia-se no 2º semestre, sendo semeada em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. A expectativa de produção ainda é muito preliminar, mas aponta para forte retração de 12,6% após o crescimento recorde estimado em 14,25% no ciclo já finalizado.

Produção Brasileira de Milho



*Projeção.
 Fonte: Conab - 4º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - Janeiro/2026
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

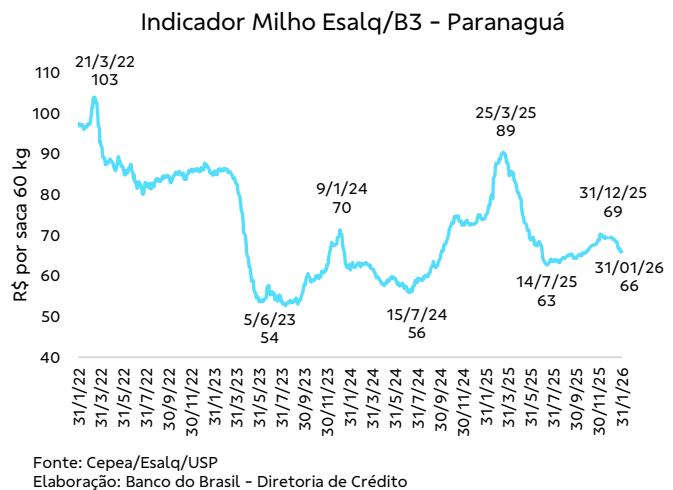
Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2024/25	2025/26*
Produção total (mil ton.)	22,1%	-1,5%
Produtividade (kg/ha)	16,5%	-5,3%
Área (ha)	3,8%	4,0%

*Projeção.
 Fonte: Conab - 4º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Janeiro/2026
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

O expressivo aumento na produção de grãos da safra 2024/25, aliado à crescente demanda por derivados do milho — como farelo e óleo para biodiesel —, impulsionou significativamente a indústria de processamento ao longo do ano passado. Nesse contexto, a expansão da produção de proteína animal mantém a expectativa de elevação da demanda por ração à base de farelo de milho para 2026, enquanto o setor de óleos vegetais amplia sua participação tanto na alimentação quanto na produção de biocombustíveis. O etanol de milho já responde por mais de 20% do total produzido no Brasil, consolidando-se como alternativa estratégica diante da menor oferta de etanol de cana-de-açúcar. Apenas no ano passado, os investimentos divulgados em capacidade industrial de produção de etanol de milho somaram R\$ 41 bilhões, conforme levantamento da consultoria FG/A, podendo elevar sua participação para cerca de 40% da produção nacional de biocombustíveis. Esse movimento reforça a importância do milho na matriz energética renovável e consolida o papel do Brasil como protagonista no mercado global de bioenergia.

Preços e Custos – A partir de agosto de 2025, observou-se movimento de inversão e recuperação parcial nos preços que haviam perdido força entre março e julho com a entrada das boas safras no Brasil e na Argentina, além do aumento de área plantada nos EUA. O movimento de correção, desde então, fundamenta-se na intensificação das exportações brasileiras e no consumo doméstico em alta, com estímulos vindos do setor de rações para proteína animal e, principalmente, pela indústria de etanol de milho, que devem seguir como principais fatores de sustentação dos preços internos à frente, ainda que a ampla disponibilidade interna – reflexo de estoques de passagem acima dos da temporada anterior – em meio às boas expectativas de produção doméstica e, sobretudo nos EUA no ciclo atual sejam fatores limitantes.



Em que pese a manutenção dos fundamentos que dão sustentação as cotações do milho, os elevados estoques e a pressão da nova safra influenciaram na queda mais acentuada observada em janeiro de 2026. Além da trajetória no ano, o preço do milho segue abaixo do valor nominal praticado no mesmo período de 2025. Esse cenário segue restringindo a recuperação mais consistente das margens de rentabilidade do produtor, em ambiente já afetado por condições financeiras mais fragilizadas diante do histórico recente de avanço nos custos de produção, elevada alavancagem, custo do capital em alta e intempéries climáticas observadas em safras anteriores.

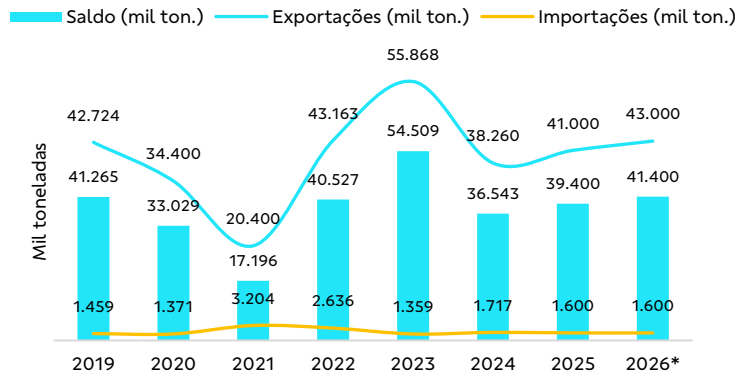
No mesmo sentido, os preços do farelo de milho mantêm uma dinâmica de ajuste mais lenta, apesar da demanda crescente do setor de rações, que é beneficiada pelo avanço da indústria de proteína animal. As cotações dependem das margens das indústrias e da competitividade frente a outros ingredientes. A interação entre os mercados de milho e soja exerce influência relevante, devido ao caráter complementar na oferta e substitutivo na demanda desses insumos.

No mais, fatores como taxa de câmbio, bem como as condições de infraestrutura logística e armazenagem no Brasil, continuam a afetar diretamente a capacidade de geração de receitas dos produtores.

Exportações – No acumulado de 2025, as exportações brasileiras de milho representaram cerca de 21,9% do total mundial, consolidando o país como segundo maior exportador da *commodity*, atrás apenas dos Estados Unidos (38,9%). No período, aproximadamente 97% das remessas externas do complexo do milho foram na forma de grãos, enquanto 2,2% de farelo e 0,3% corresponderam a óleo e biodiesel.

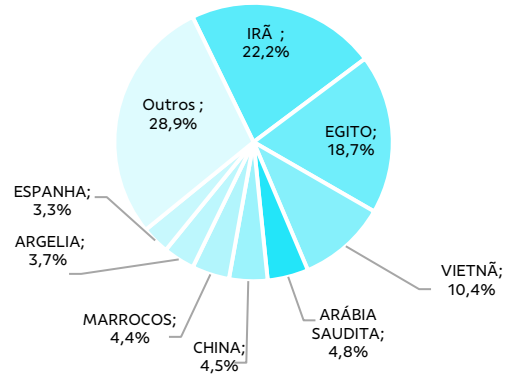
A maior oferta de milho brasileiro em 2024/25, combinada à demanda externa aquecida, estimulou o crescimento de 7,2% das exportações em 2025. Para 2026, no entanto, em meio à forte demanda interna, queda esperada na produção brasileira do grão e maior oferta global, espera-se desaceleração das exportações, ainda que sob forte consumo externo. Vale destacar que o Irã é o principal destino das vendas externas brasileiras de milho e o anúncio do presidente dos EUA de tarifar qualquer país que mantenha relação comercial com o Irã possa representar perda de negócios do Brasil com o país persa.

Balança Comercial - Milho
Acumulado/Ano



*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações por Destino
Milho - Acumulado em 2025

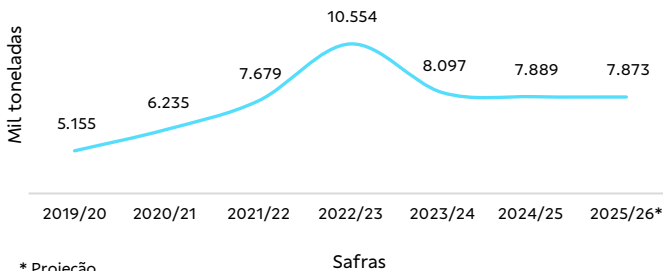


Fonte: MDIC/SECEX; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Trigo

A safra 2025/26 de trigo foi finalizada no final de 2025, com produção nacional estimada em 7.873 mil toneladas, volume 0,2% inferior ao registrado no ciclo anterior. Embora a produtividade tenha aumentado aproximadamente 25% em relação à safra anterior, esse avanço não foi suficiente para impulsionar a produção, tendo em vista a retração mais significativa da área cultivada, especialmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás. Condições climáticas desfavoráveis e menor atratividade frente a outras culturas desestimularam a plantação do trigo nos últimos ciclos, sendo que para a próxima safra, cujo plantio deve se iniciar nos próximos meses, ainda não se tem projeções oficiais, embora a menor atratividade atualmente frente a outras culturas deva seguir como fator de limitação à expansão.

Produção de Trigo



* Projeção.
Fonte: Conab - 4º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - Janeiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	-2,6%	-0,2%
Produtividade (kg/ha)	10,6%	24,8%
Área (ha)	-11,9%	-20,0%

*Projeção
Fonte: Conab - 4º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Janeiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

O principal vetor de sustentação para a produção brasileira de trigo é a atividade de moagem, cuja expectativa para 2026 é de crescimento modesto, mais próximo da estabilidade. No mais, as moageiras continuarão dependendo de grandes volumes importados para atender à demanda por farinha. Nesse sentido, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que a produção da Argentina, principal fornecedora de trigo ao Brasil, crescerá 48,5% na safra atual, dando suporte para compras externas brasileiras. O consumo de derivados de trigo permanece sustentado por fortes hábitos de alimentação, resiliência do mercado de trabalho e avanço da renda real, fatores que estimulam a produção, vendas e o faturamento do setor.

Preços e Custos – Após recuperar as perdas registradas no segundo semestre de 2024, as cotações do trigo voltaram a cair a partir de abril de 2025. Atualmente, os preços médios no Paraná e no Rio Grande do Sul são os menores desde novembro de 2023, tendo caído aproximadamente 20% nos últimos seis meses. A pressão baixista é explicada por estoques de passagem elevados, pela manutenção do dólar abaixo de R\$ 5,50 nos últimos meses e pela queda nos preços internacionais, reflexo da expectativa de uma safra mundial recorde.

No cenário doméstico, os custos de produção seguem pressionados. Apesar dos preços dos principais insumos terem recuado em relação às máximas observadas no meio do ano, especialmente em virtude do alívio nos riscos geopolíticos, ainda espera-se manutenção em patamares que comprimem margens dos produtores.

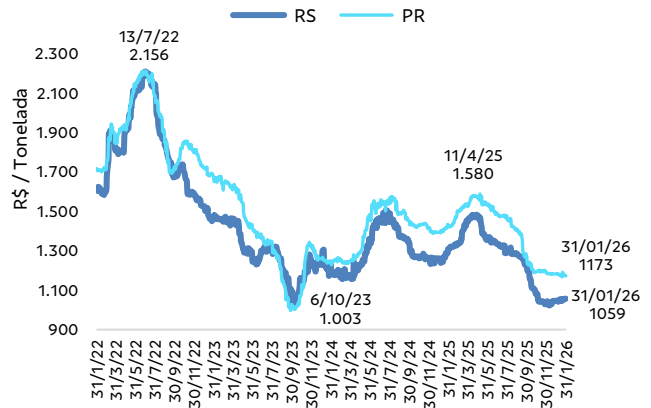
Na indústria, apesar da decompressão nos custos de aquisição do cereal beneficiar os negócios, a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista por um período prolongado continua pressionando o custo do capital e desafiando as margens das companhias.

Mercado Externo – O Brasil importa historicamente a maior parte do trigo consumido, representando 56% da necessidade interna em 2025. Dados mais recentes demonstram que a Argentina, principal fornecedora, exportou ao Brasil o percentual de 78,6% do total adquirido pelo país no acumulado de janeiro a dezembro de 2025.

O ano de 2025 encerrou com 6,9 milhões de toneladas de trigo adquiridos do exterior, o que representou aumento de aproximadamente 3,7% em relação a 2024, tracionada pela redução de 2,6% da produção nacional no ciclo passado.

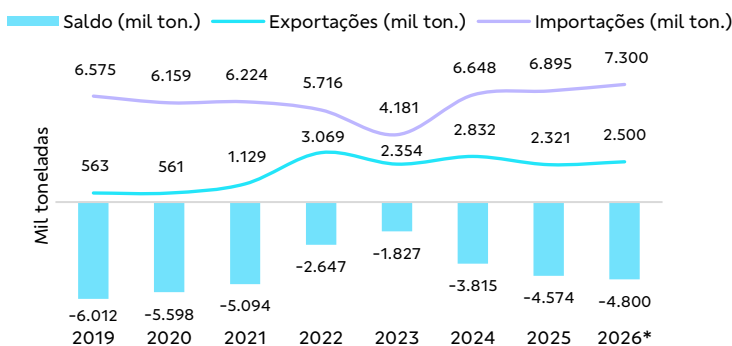
Para 2026, segundo o Departamento de Agricultura dos estados Unidos (USDA), espera-se manutenção dessa dinâmica de importações crescentes.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq



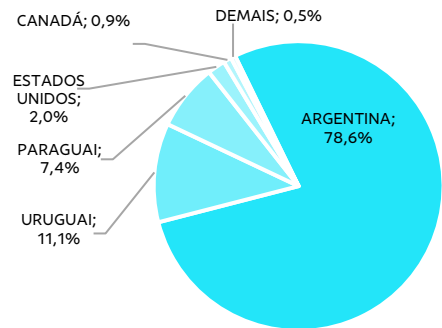
Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Balança Comercial do Trigo Acumulado/Ano



*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem Acumulado - 2025



Fonte: MDIC/Secex; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

De acordo com o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), correspondente ao 3º Levantamento da Safra de Cana-de-Açúcar 2025/26, estima-se que o último ciclo, iniciado em abril de 2025 e atualmente sendo encerrado, deva gerar 666,4 milhões de toneladas.

O período de desenvolvimento vegetativo da presente safra (2025/26) chegou a ser afetado pelas temperaturas mais elevadas e estiagens mais prolongadas na segunda metade de 2024, além de focos de incêndio pontuais que refletiram negativamente nas áreas em desenvolvimento e de rebrota das lavouras de cana, em especial na Região Centro-Sul, que é a principal região produtora do país (91,1% da produção). Porém, com a retomada gradual das chuvas no final de 2024 e início de 2025, associado a um clima menos extremado ao longo do ano, houve alívio às lavouras, indicando que a queda mais acentuada para o rendimento da cultura, inicialmente pronunciada, foi amenizada.

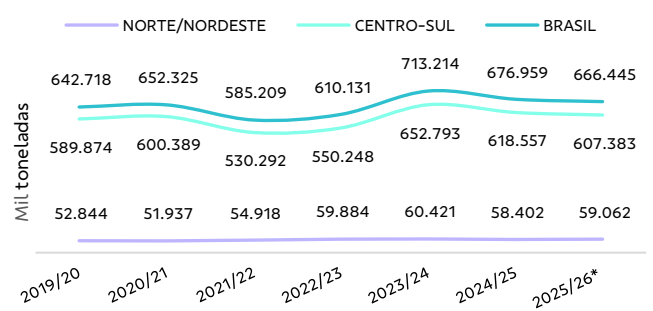
Para a safra 2026/27, cujo plantio inicia-se no primeiro semestre de 2026, embora não existam estatísticas oficiais, as expectativas de mercado apontam para crescimento na produção entre 3% e 4%, motivado por ganhos de produtividade a partir do rejuvenescimento dos canaviais (aumento das renovações nas safras de 2024/25 e 2025/26), chuvas mais regulares e leve expansão da área colhida.

Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-1,6%
Produtividade (kg/ha)	-9,8%	-3,8%
Área (mil ha.)	5,2%	2,4%
Produção de Derivados		
Açúcar	-3,4%	2,0%
Etanol de Cana	-1,2%	-9,5%

* Fonte: Conab - 3º levantamento da safra de cana-de-açúcar. Novembro/2025
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



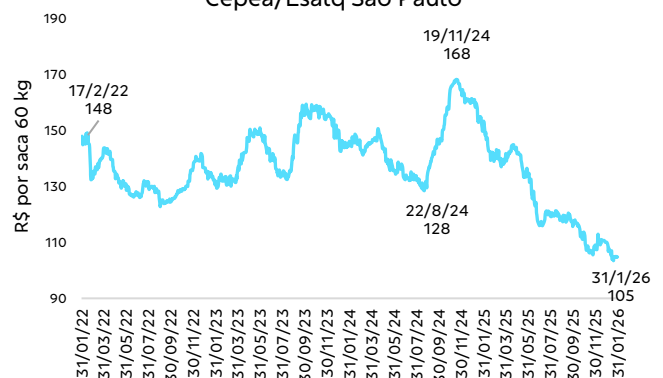
* Projeção
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

Apesar da menor oferta de cana em relação à temporada anterior, o maior direcionamento no mix de produção para o açúcar ao longo de 2025, em relação ao etanol, deve fazer com que a produção do adoçante na atual safra, que encontra-se em fase de encerramento, atinja cerca de 45 milhões de toneladas, superando em 2,0% o volume de 2024/25. Para o ciclo 2026/27, em linha com a expectativa preliminar de maior produção de cana-de-açúcar e melhor produtividade em ATR, espera-se crescimento na produção de açúcar, ainda que o mix mais açucareiro deva perder força diante da maior oferta global, preços depreciados e valorização recente do etanol.

Cotações do Açúcar – Passado o período de forte valorização em 2024, em contexto marcado por menor oferta em grandes produtores globais, inclusive sob efeitos nocivos do clima no Brasil (estiagem e temperaturas elevadas), focos de incêndio e pragas nas lavouras, a reversão para um ambiente com clima mais ameno predominando e melhorando a produção local em 2025, além da retomada da oferta global, levaram a um movimento de forte correção nos preços. Em janeiro de 2026, a queda acumulada na cotação do açúcar cristal já superava 30% quando comparado com o mesmo período de 2025. Prospectivamente, não se espera reversão do quadro superavitário do balanço global de açúcar e dos preços depreciados.

Indicador do Açúcar Cristal - Cepea/Esalq São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações – As exportações brasileiras de açúcar registraram queda de 11,6% em relação a 2024. A receita também caiu 24,12%, passando de US\$ 18,6 bilhões para US\$ 14,1 bilhões.

A maior oferta global de açúcar em 2025, favorecida pelo retorno da Índia e da Tailândia ao mercado internacional, aliada a menor produção doméstica, influenciou no recuo das exportações brasileiras em volume. Além disso, a forte queda nos preços internacionais da *commodity* está afetando desfavoravelmente o faturamento do setor exportador

Para 2026, embora as estimativas do USDA apontem para aumento de 5,6% na quantidade exportada em 2026, os volumes ainda estariam bem aquém daqueles transacionados em 2024. Nesse sentido, vale destacar que não se vislumbra reversão do balanço global de açúcar, permanecendo com excedente e impedindo maior tração das exportações brasileiras tanto em volume quanto em receitas.

Produção de Etanóis

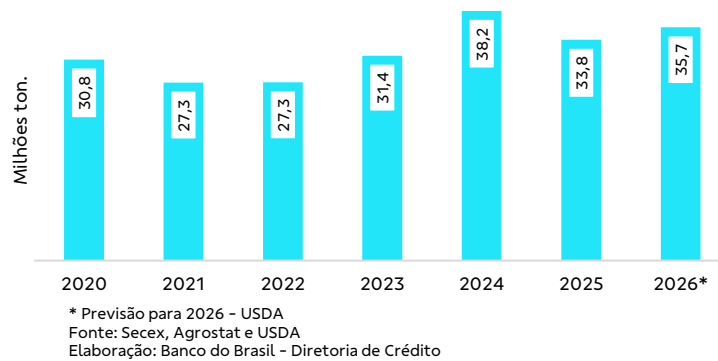
No ciclo 2025/26, em fase de encerramento, a menor oferta da principal matéria-prima nas unidades sucroenergéticas e o mix mais açucareiro levaram a redução de 9,5% na produção de etanol, correspondente a 26,6 bilhões de litros, sendo 16,08 bilhões de litros de etanol hidratado e 10,5 bilhões de litros de etanol anidro, conforme dados da Conab. Contudo, a expansão do etanol de milho mitiga parcialmente a menor oferta do biocombustível a base de cana, cuja produção segue bem abaixo da necessidade de mercado.

Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar, que apresentavam tendência de leve queda a partir de fevereiro de 2025, iniciaram movimento de reversão desde de julho de 2025, quando os preços começaram a se beneficiar com a maior procura em razão da elevação da mistura E27 para E30 (mistura de etanol na gasolina).

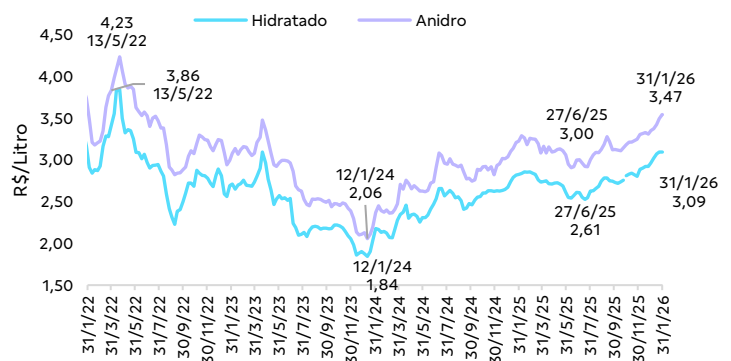
Nesse sentido, já há uma elevação no consumo estrutural de anidro, enquanto os estoques, inclusive do hidratado, se mantêm depreciados frente ao patamar médio dos últimos anos, o que deverá se manter à frente, dando suporte aos preços.

No mais, enquanto o baixo rendimento da última safra de cana e o mix açucareiro são elementos que contribuem para segurar a oferta e valorizar as cotações do etanol, a crescente produção de etanol de milho, em complementado ao biocombustível no mercado interno, inclusive a menores custos, garante a disponibilidade e evita maiores pressões sobre os preços. O milho já responde por mais de 20% da composição do etanol produzido no Brasil, reforçando seu papel estratégico na matriz de combustíveis renováveis.

Exportações de Açúcar

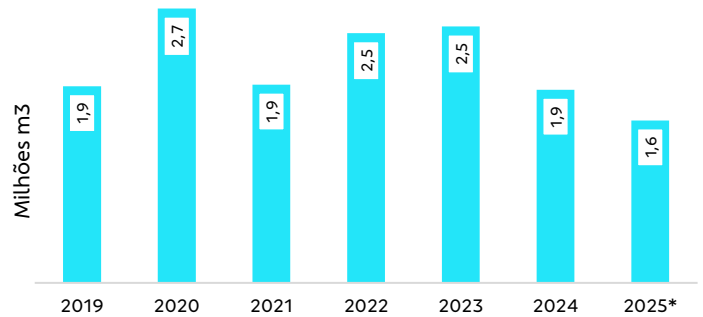


Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalq-



Exportações – Em 2025, as exportações brasileiras de etanol registraram queda de 215,8%, totalizando 1,6 bilhão de litros. A Coreia do Sul manteve-se como principal destino, absorvendo 48,4% do volume embarcado, seguida pelos Estados Unidos (15,7%) e pela Holanda (13,7%). Apesar da elevada competitividade do etanol brasileiro, fatores como o redirecionamento da produção para açúcar, o aumento da demanda interna impulsionado pela transição para uma economia de baixo carbono, a política comercial nos EUA e os ajustes no equilíbrio entre oferta e demanda nacional têm limitado os embarques externos — dinâmica observada em 2025 e que deverá se manter à frente.

Exportações de Etanol



Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária; MDIC/SECEX
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

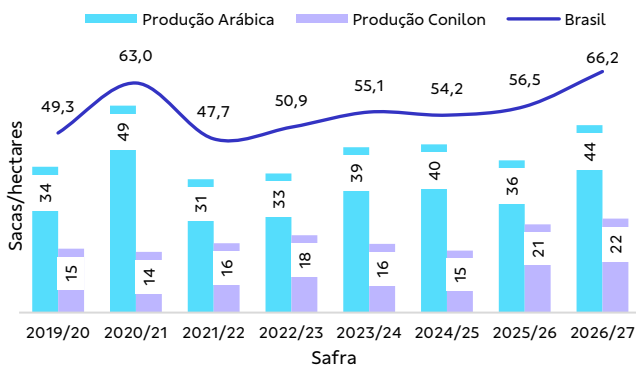
Em relação às sobretaxas sobre importação estabelecidas nos EUA, é relevante destacar que as vendas de etanol para os EUA representam aproximadamente 17,0% do total das exportações brasileiras do produto, embora somente 5% da produção seja exportada. No mais, o Brasil vende outros produtos do setor sucroenergético para os EUA, como açúcar bruto, açúcar refinado e álcool etílico. Nesse contexto, o aumento da tributação sobre a importação dos produtos brasileiros (ainda vigente) afetou as exportações do Brasil para o mercado americano, com recuo de 62,4% nas remessas de álcoois (inclusive etanol) em volume após a vigência da tarifa, no acumulado de agosto–dezembro de 2025 frente ao mesmo período de 2024. No caso do açúcar, a queda foi ainda maior, com as exportações em volume recuando 73% no mesmo período, ressaltando, entretanto, que apenas 2% das vendas externas brasileiras de açúcar são destinadas aos EUA.

Café

De acordo com a Conab, a safra 2025/26 de café encerra-se com produção de 56,5 milhões de sacas de café beneficiado nas especialidades arábica e conilon, o que representou aumento de 4,2% frente a 2024/25. O maior destaque ficou com a especialidade conilon, cujo crescimento foi de 42,1%, em razão da melhora gradual do clima no 2º semestre de 2024, que favoreceu a emissão das primeiras floradas após o fraco desempenho em 2024/25. No caso do arábica, a redução foi de 9,7%, haja vista que o ciclo mais longo da especialidade expôs mais a cultura aos períodos prévios de menor precipitação e altas temperaturas, além da bianalidade baixa da temporada.

Para a safra 2026/27, o 1º levantamento da safra, divulgado pela Conab em fevereiro de 2026, indica safra recorde, com produção esperada de 66,2 milhões de sacas, correspondente a aumento de 17,1%.

Produção Cafeeira (Arábica + Conilon)



(*) Projeção.

Fonte: Conab – 1º levantamento da safra 2026/27 – Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Café – Safra 2026/27	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	23,3%	6,4%
Produtividade (kg/ha)	18,4%	2,3%
Área em produção (ha)	4,1%	4,0%

Fonte: Conab – 1º levantamento da safra 2026/27 – Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Destaque fica por conta da especialidade arábica que, além do incremento de 4,1% na área plantada diante da maior atratividade dos preços, espera-se importantes ganhos de produtividade em razão da perspectiva de bialidade positiva e do clima, tanto em termos pluviométricos e como térmicos, resultando em expectativa de expansão de 23,3% na produção. Vale ponderar que o café arábica representa 80% da área plantada.

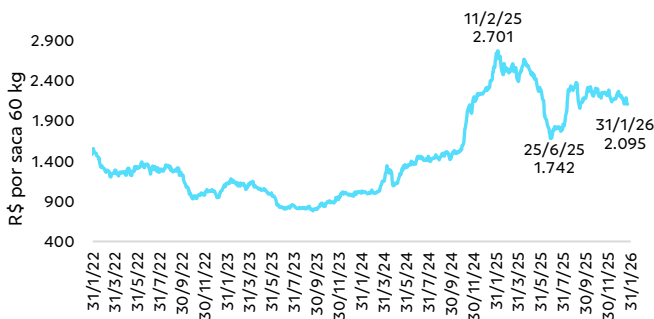
Na indústria, por sua vez, em que pese o forte hábito de consumo e a baixa elasticidade da demanda, a forte valorização no preço do grão tem adicionado desafios em termos de custos e tirado força do consumo, cujas expectativas são de crescimento moderado ou estabilidade em 2026.

Cotações do Café – Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre de 2025, diante da expectativa de entrada no mercado global das safras oriundas de concorrentes externos que apresentaram melhores expectativas de produção. A partir de agosto de 2025, houve movimento de recuperação até o início de outubro, em meio à revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial) e chuvas em excesso em regiões produtoras do país, além das incertezas decorrentes da política tarifária nos EUA com diminuição nas compras estadunidenses e acompanhamento dos níveis de estoques do café no país americano, que inclusive trouxeram certa volatilidade adicional às cotações em alguns momentos.

A retirada da sobretaxa pelos EUA em novembro de 2025 ajudou a sustentar os preços do café e favorecer as exportações brasileiras. No mais, incertezas climáticas no Brasil — especialmente relacionadas à irregularidade das chuvas nas regiões produtoras — e no Vietnã, maior fornecedor de robusta, agregaram volatilidade no mercado. Para 2026, o melhor desempenho esperado para a safra brasileira 2026/27 já trouxe queda às cotações em janeiro e deve continuar tirando força dos preços com a divulgação da projeção recorde feita recentemente pela Conab, ainda que os atuais níveis de estoques estejam baixos.

Em que pese as margens de rentabilidade atrativas no campo em razão os preços valorizados, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos ainda encarecidos (café), refletindo negativamente na lucratividade das empresas. Menciona-se que o mercado externo tem sido considerado o principal ponto de apoio para a rentabilidade da cadeia produtiva.

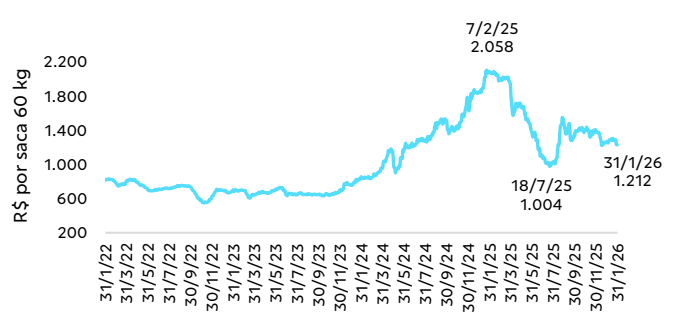
Indicador Café Arábica - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Indicador Café Robusta - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações – Após o Brasil exportar 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde em 2024, incremento de aproximadamente 30%, em 2025 houve recuo de 8,9% em volume, sendo que para os EUA – principal destino e que impôs política tarifária com maior alíquota sobre importações oriundas do Brasil – a queda foi de 35% no acumulado do ano e de aproximadamente 40% entre agosto e outubro, que é o período de vigência do tarifaço ao Brasil. Além da questão tarifária com os EUA, a recuperação em importantes países produtores e a menor produção brasileira no último ciclo também contribuíram para explicar a piora no desempenho. Entretanto, vale destacar que, ainda assim, as exportações em dólar cresceram 28,9% diante da forte valorização do preço do grão.

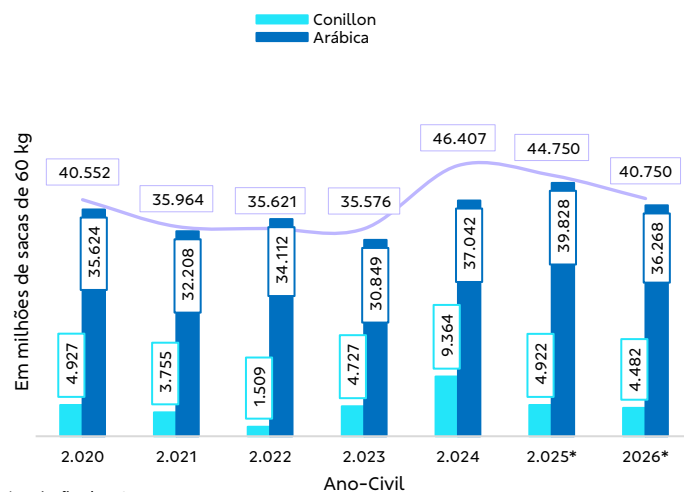
Em novembro de 2025, o governo americano derrubou as tarifas base e adicional de 10% e 40%, respectivamente, que haviam sido estabelecidas para a importação do café brasileiro por aquele país. Além disso, ainda que o volume de café exportado seja predominantemente na forma *in natura* (grão verde), o Brasil vem ampliando a participação das vendas de café industrializado no mercado externo (destaque para os mercados do sudeste asiático e Rússia).

Na indústria, as exportações do café torrado e solúvel apresentaram dinâmica semelhante no ano passado, embora em menor magnitude, com queda de 6,3% em volume e crescimento de 21,6% em receita, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representa aproximadamente 80,4%. Já a especialidade conilon 10,2%, enquanto o restante, 9,4% das exportações, corresponderam as remessas de café torrado e café solúvel.

Prospectivamente, as estimativas do USDA indicam queda nas exportações brasileiras de café em 2026. No entanto, essa expectativa não é consenso, com prognósticos mais positivos no mercado, na esteira da recuperação da produção, retirada da sobretaxa pelos EUA – principal mercado consumidor – e abertura recente de novos mercados.

Exportações de Café Arábica e Conilon

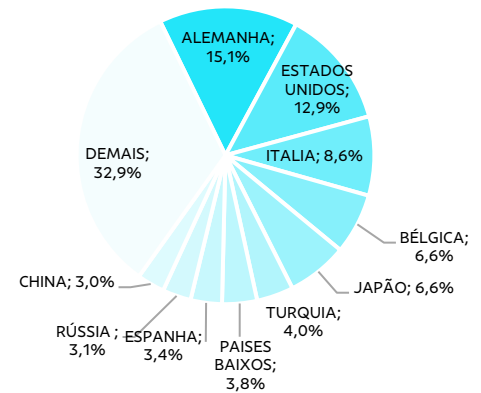


*Projeção do USDA

Fonte: Cecafé

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Café Verde por Destino Acumulado - 2025



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Por fim, atenção também deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os impactos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro após a regulamentação do Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio firmado entre os blocos econômicos.

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

Segundo estatísticas da Conab, o país encerrou o ano de 2025 com produção de 11,4 milhões de toneladas de carne bovina, incremento de 2,4% em relação ao volume registrado em 2024.

Para 2026, estimativas ainda iniciais apontam para retração de 4,3% associada ao início de um novo ciclo pecuário, que deve levar a uma maior retenção de fêmeas para reprodução, o que diminui o ritmo de abates e, conseqüentemente, a oferta de carne, vetor de alta nos preços e, conseqüentemente, possibilidade de arrefecimento no consumo interno.

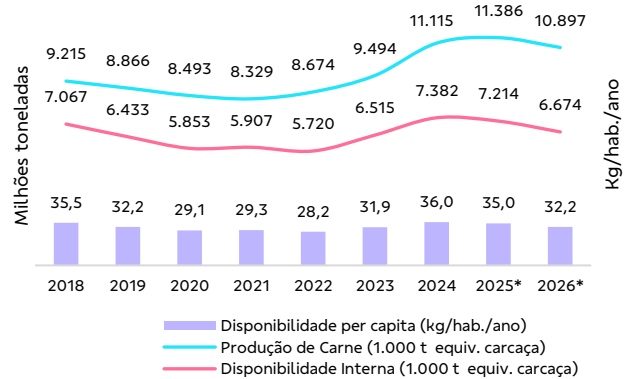
Vale ressaltar que a produção de proteína bovina representa 35% em relação às proteínas avícolas e suínícolas.

Preços e Custos - Observou-se variações nas cotações da arroba do boi gordo entre o segundo semestre de 2024 e outubro de 2025, refletindo a complexa interação entre oferta, demanda, clima, custos de produção e dinâmica internacional. Após atingir mínima de R\$ 215,00 em junho de 2024, os preços iniciaram trajetória de recuperação, alcançando patamar acima de R\$ 350 no final do mesmo ano, oscilando a partir de então em patamar valorizado.

Essa trajetória de valorização foi impulsionada pelos efeitos da estiagem prolongada entre maio e outubro de 2024 - que comprometeu as pastagens e reduziu a capacidade de engorda dos bovinos -, além da menor quantidade de animais de pasto e da antecipação de abates de confinamento. No mais, o elevado abate de fêmeas nos anos anteriores comprometeu a expectativa de reposição do rebanho e da oferta futura, provocando pressão sobre os preços.

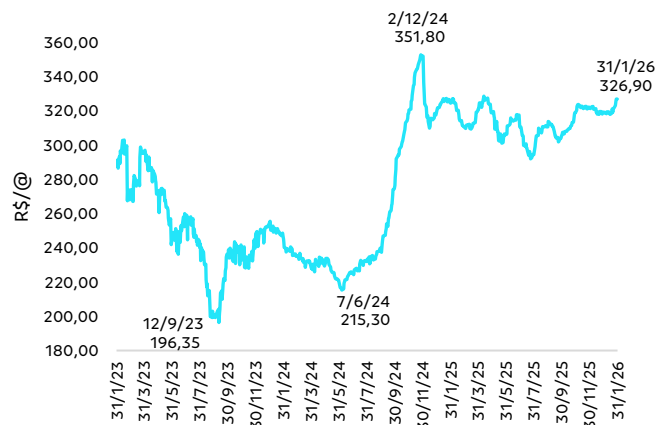
A demanda por carne bovina segue aquecida nos mercados interno e externo, apoiando a valorização da arroba. A competitividade brasileira é favorecida pela taxa de câmbio, qualidade da proteína nacional e redução dos rebanhos em grandes produtores como EUA, Argentina e Austrália. O mercado internacional permanece como principal fonte de rentabilidade, porém as condições mais favoráveis do emprego e renda também beneficiam o consumo doméstico. No curto prazo, as perspectivas ainda indicam manutenção de preços firmes em contexto com menor oferta de animais em países produtores, queda nos abates domésticos e retirada das tarifas adicionais pelos EUA, embora a criação de cotas de importação da China e no México são fatores que podem limitar as exportações brasileiras da proteína e, conseqüentemente, gerar algum excedente com potencial arrefecimento em preços.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: * Projeção Conab.
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista - Cepea/B3



Fonte: Cepea; @ = (arroba de 15 kg).
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Para os frigoríficos, a valorização da arroba do boi gordo elevou os custos de aquisição da matéria-prima, comprimindo as margens de lucro. Empresas de menor porte enfrentaram maiores dificuldades para compor suas escalas de abate, sendo obrigadas a oferecer preços mais atrativos aos pecuaristas para garantir fornecimento. Em contrapartida, o bom desempenho das exportações tem amenizado parte dessas pressões, sobretudo para as indústrias habilitadas a operar no mercado internacional.

Exportações – O mercado externo da carne bovina brasileira se destacou por um desempenho excepcional em 2025, mesmo diante de desafios geopolíticos e tarifários. Entre janeiro e dezembro de 2025, o Brasil consolidou sua posição como o maior exportador mundial de carne bovina, com embarques crescendo 20,9%, totalizando 3,5 milhões de toneladas, frente ao mesmo período de 2024 e receitas expandindo 40,1%, com um montante de US\$ 18,03 bilhões de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). O Brasil possui uma estrutura de produção eficiente, baixos custos de alimentação, além de investimentos em tecnologia e rastreabilidade, que reforçaram a confiança internacional na carne brasileira, inclusive em momento que o tamanho do rebanho de grandes produtores mostra limitação.

Quanto aos destinos, a China permaneceu como o principal mercado da carne bovina brasileira em 2025, variando 22,8% em quantum na comparação anual e respondendo por 48,1% das exportações. A União Europeia também ampliou significativamente suas aquisições, especialmente em países como Itália, Países Baixos e Espanha, contribuindo para a manutenção da demanda internacional aquecida, mesmo diante dos impactos das tarifas impostas pelos EUA às importações oriundas do Brasil.

A necessidade de diversificação de mercados frente às tarifas adicionais de 50% nos EUA – iniciadas em agosto de 2025 e retiradas em novembro de 2025 – levou o Brasil a redirecionar parte dos embarques para novos mercados, como México, Canadá, Emirados Árabes e Indonésia. O México tornou-se o terceiro maior importador da carne bovina brasileira em 2025 com 3,8% das aquisições. Destaca-se, no entanto, que esse movimento de ampliação de mercados precede o “tarifaço” dos EUA, uma vez que vem ocorrendo gradualmente desde 2022.

Nesse cenário, vale mencionar como ponto de atenção o anúncio da China sobre a criação de cotas anuais de importação de carne bovina, com validade de 1º de janeiro de 2026 até dezembro de 2028, tendo por objetivo proteger sua produção doméstica e conter o que considera excesso de oferta externa. A preocupação decorre da elevada representatividade da China nas exportações brasileiras de carnes bovinas, assim como a dificuldade de redirecionamento de vendas para outros mercados no curto prazo.

Em relação às exportações para o México, o governo local definiu para 2026 uma cota de importação de carne bovina de 70 mil toneladas, com volumes acima desse limite sujeitos à tarifa de 20%. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), foram exportadas 117,7 Mt em 2025.

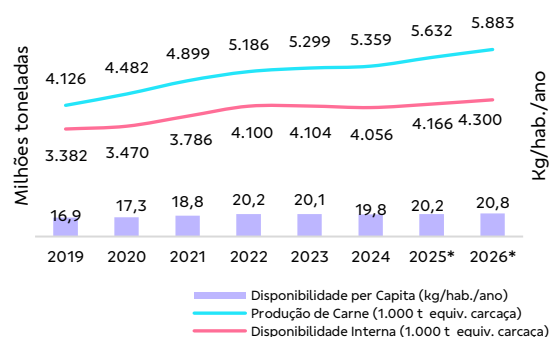
Para 2026, as expectativas iniciais apontavam para manutenção do ritmo de exportações, ao menos no primeiro semestre. Porém, a queda nos abates, a salvaguarda do país chinês – destino de aproximadamente metade das exportações brasileiras – e as cotas de importação no México são fatores consideráveis para limitar a capacidade de expansão no ano.

Suínos

Impulsionados pela demanda externa aquecida, as estatísticas de 2025 indicam crescimento de 5,1% no volume de cortes suínos dos frigoríficos brasileiros. Para 2026, as projeções iniciais sugerem continuidade do crescimento (4,5%), cuja expectativa é de atingimento de novo recorde com 5,9 milhões de toneladas.

A indústria nacional aposta na manutenção da atratividade da demanda externa, especialmente na Ásia, como principal vetor para justificar o aumento da produção da proteína suína. Além disso, o mercado de trabalho aquecido e os preços ainda valorizados para os cortes de bovinos – redirecionando o consumo para proteínas substitutas de menor valor agregado e mais acessíveis às famílias – seguem beneficiando o consumo interno.

Oferta de Carne e disponibilidade



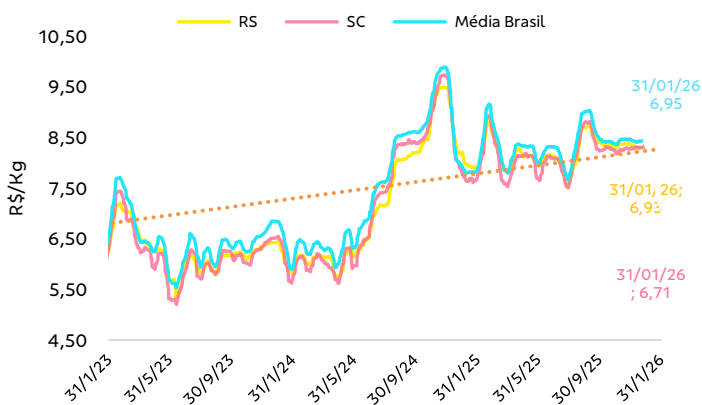
Fonte: Conab; *Projeções

Elaboração: Banco de Brasil – Diretoria de Crédito

Nesse quadro, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína, com cerca de 3,9% da produção global, conforme dados de 2025, ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

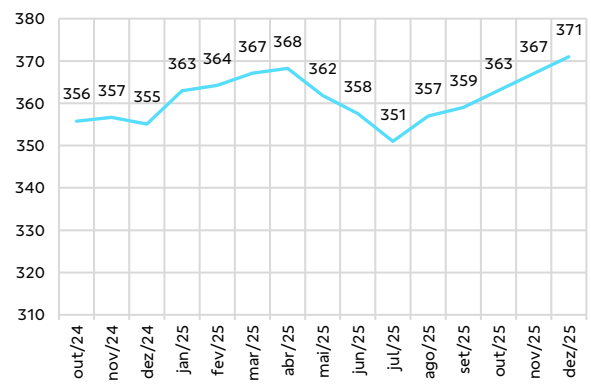
Preços e Custos – Os preços do suíno vivo permanecem sustentados pelo bom desempenho das exportações brasileiras – que continuam em ritmo acelerado – e pela demanda interna aquecida, impulsionada por um mercado de trabalho dinamizado e com renda das famílias em crescimento. Após atingirem máximas históricas no segundo semestre de 2024, os valores mantêm-se em patamares elevados. A valorização da carne bovina, decorrente da reversão do ciclo pecuário, tem contribuído para o redirecionamento do consumo para a carne suína, considerada mais acessível para os consumidores de menor poder aquisitivo. Apesar de alguma volatilidade observada nos preços ao longo de 2025 e em janeiro de 2026 — reflexo da combinação entre demanda firme e elevado volume de abates — o cenário permanece favorável e a tendência é de estabilidade no curto prazo, após a sazonalidade recente motivada pelo período de férias escolares e de despesas extras das famílias, características deste período do ano.

Preço do Suíno Vivo



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Índice de Custo de Produção de Suínos



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Em relação aos custos de produção, o índice de custo da Embrapa mostrou incremento de 4,5% no comparativo de dezembro de 2025 com igual mês do ano anterior. Destaque para o avanço nos preços do transporte (56,5%), sanidade (33,7%), custo do capital (12,6%) e genética (7,0%). Vale ressaltar que a ração corresponde a 71,5% dos custos de produção do segmento criador em dezembro de 2025, seguido do custo do capital (7,6%), enquanto transportes 3,8% e genética e sanidade, juntas, somam 6,6%. Ainda que os custos de produção tenham evoluído, a cadeia produtiva tem apresentado boa rentabilidade, haja vista os preços que seguem em trajetória valorizada. Nesse sentido, vale destacar que, embora os frigoríficos exerçam certa pressão sobre as margens do produtor, de modo a limitar o repasse dos custos à indústria, foi possível perceber o avanço dos preços dos animais vivos ofertados para esse nicho no ano passado.

Mercado Externo – Entre janeiro e dezembro de 2025, o Brasil exportou 1.321,6 mil toneladas de carne suína, um aumento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2024, segundo informações obtidas no Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). A receita gerada pelas exportações também cresceu, 19,1%, totalizando US\$ 3.371,6 milhões. As Filipinas se consolidaram como o principal mercado, com participação de 25,0% nas exportações e volume adquirido de 340,6 mil toneladas da proteína. A China segue como segundo principal destino (10,4%), com remessa brasileira equivalente a 137,6 mil toneladas, queda nas compras de 37,4% frente ao mesmo período de 2024. Essa redução é atribuída ao programa interno do mercado chinês para recompor seu plantel suíno.

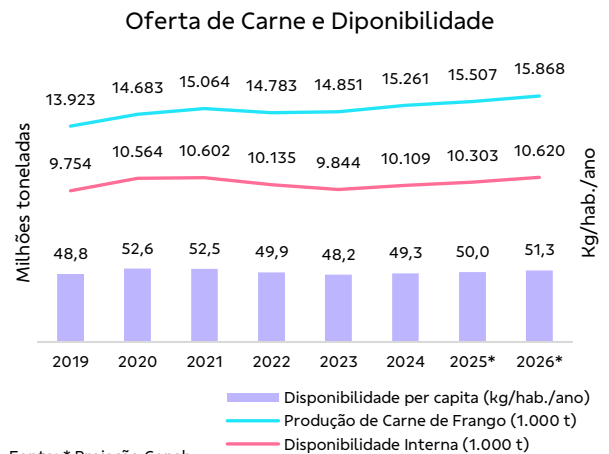
Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado na ampliação das parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos existentes, desde 2024, com destaques para as vendas ao Japão, Chile, Hong Kong, Rússia e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos.

Entretanto, o conflito entre Rússia e Ucrânia, as tensões no Oriente Médio e, mais recentemente, a definição pelo governo Mexicano de uma cota de importação de carne suína de 51 mil toneladas (ainda sem informação de como se dará a distribuição desse total entre os países exportadores) para 2026, e com volume acima desse limite pagando tarifa de 16%, exigem atenção do exportador, tendo em vista os potenciais impactos sobre a demanda, além de maiores custos com a logística de transporte e distribuição do produto. A Ucrânia, um grande exportador de grãos, e a Rússia, de fertilizantes e energia, sofrem com bloqueios e sanções, enquanto a instabilidade no Oriente Médio gera receios de desabastecimento e custos mais altos.

Além do câmbio depreciado, a competitividade brasileira no mercado internacional tem sido impulsionada pela redução da participação da União Europeia, que enfrenta desafios internos significativos. Entre esses obstáculos estão normas cada vez mais restritivas de bem-estar animal, elevados custos de produção e problemas sanitários, como a ocorrência de febre suína africana em alguns países do bloco. Nesse cenário, o Brasil se destaca não apenas pelo volume e qualidade da carne produzida, mas também pelo rigoroso controle fitossanitário, que busca prevenir a entrada de agentes capazes de comprometer o plantel nacional ou representar riscos à saúde humana. Essa combinação de fatores reforça a posição do país como um dos principais fornecedores globais de proteína animal.

Frango

Ao longo de 2025, o setor avícola brasileiro manteve crescimento no abate de aves, sustentado pela forte demanda externa, mesmo diante de desafios sanitários como a Influenza Aviária de Alta Patogenicidade. Prospectivamente, as perspectivas para produção e consumo interno seguem positivas, com novo avanço de 2,3% na produção, impulsionado por exportações para Ásia e Oriente Médio. A manutenção do status sanitário e protocolos rigorosos são fatores-chave para garantir competitividade global. Nesse sentido, preservar a condição sanitária e a adoção de protocolos rigorosos serão determinantes para garantir acesso aos principais destinos, enquanto a demanda interna deve seguir firme, beneficiada pela relação custo-benefício da carne de frango frente às demais proteínas.

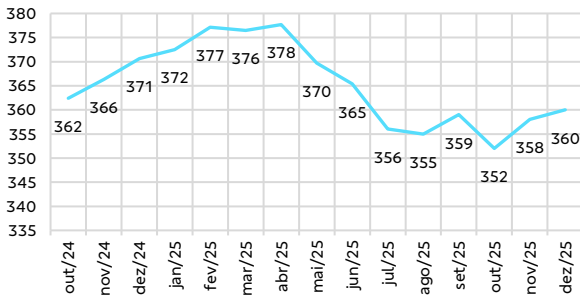


Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou redução de 2,9% nos últimos 12 meses encerrado em dezembro. Os custos com genética, capital e sanidade animal foram os que mais cresceram no período, com aumentos de 14,82%, 13,86% e 9,02%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram cerca de 1/3 do conjunto em dezembro. Já os custos com ração animal, que representam cerca de 65% do custo total, retraíram 8,92% em 12 meses, favorecidos pela queda na cotação do milho.

Em referência aos preços da carne de frango, após alcançar maiores patamares em abril de 2025, com preços médios próximos de R\$ 8,00/kg no atacado, o setor enfrentou uma queda mais acentuada de 7% em maio de 2025, na ocasião das suspensões das exportações por conta do caso de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) registrado no Rio Grande do Sul, que provocou excedente de oferta no mercado interno. Reestabelecidas as vendas externas, os preços começaram a se recuperar, com a cotação do frango congelado e resfriado apresentando valorização superior a 10% entre o início de setembro de 2025 e o final de dezembro.

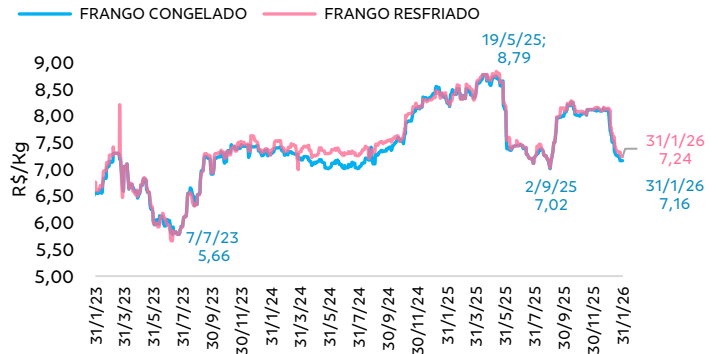
Em que pese a redução de preços observada ao longo do mês de janeiro de 2026, causada principalmente pela maior disponibilidade de carne no mercado doméstico, prospectivamente, a tendência é estabilização e possível recuperação moderada, caso as exportações continuem fortes e o consumo interno normalize após o período de férias. No mais, a dinâmica do mercado de trabalho e renda devem seguir beneficiando o consumo da proteína.

Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq - SP



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Mercado Externo – Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), foram exportadas 4,958 mil de toneladas de carne de frango em 2025, aumento marginal de 0,2% em relação ao mesmo período de 2024, com a receita acumulada do período atingindo US\$ 8,817 milhões, retração de 2,9% ante ao acumulado de 2024 (US\$ 9,080 milhões).

A queda nas exportações foi decorrente do foco de influenza aviária registrado em maio em uma granja comercial no Rio Grande do Sul. O episódio levou à suspensão temporária das compras por mais de 100 países, incluindo mercados estratégicos como China e União Europeia, sendo que a China, grande comprador e que mais estendeu a suspensão, anunciou o fim da proibição à importação sobre o frango do Brasil em novembro. Vale destacar que, no período de embargos, o setor ainda conseguiu redirecionar embarques para mercados alternativos, mostrando resiliência e mitigando perdas.

Embora o desempenho acumulado em volume e em valor no ano passado, em comparação a 2024, não tenha sido tão favorável, a normalização das vendas externas começou já em junho, após a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) confirmar que o Brasil estava livre da doença nos estabelecimentos comerciais. Em dezembro de 2025, o Brasil exportou 469,9 mil toneladas, com destaque para os seguintes países: Emirado Árabes Unidos (9,8%), Japão(7,5%), Arábia Saudita (7,4%) China (4,5%), e Coreia do Sul (4,4%).

O Brasil seguiu em 2025 mantendo sua posição como maior exportador mundial de carne de frango. Entre os fundamentos que favoreceram as exportações brasileiras, destacam-se: (1) - a condição sanitária interna, que inclusive preservou a confiança internacional no produto brasileiro após o caso isolado de IAAP no Rio Grande do Sul; (2) - a capacidade de diversificação de mercados, com ampliação das vendas para países da América Latina, Ásia e África; e (3) - os surtos de gripe aviária em concorrentes como EUA, Reino Unido e Alemanha, que reduziram a capacidade exportadora desses países produtores.

No curto prazo, espera-se novos incrementos nos volumes exportados. As projeções indicam um aumento de 4% nas exportações em 2026, conforme estimativas da Consultoria Agro do Itaú BBA. O setor deve se beneficiar de mais um ano de custos de ração controlados, sustentados pelo bom desempenho das safras de grãos. Com as compras globais de carne de frango previstas para crescer 4,5% em 2026, o ambiente permanece propício ao avanço do comércio internacional. O principal desafio segue sendo a biossegurança, especialmente no monitoramento e controle de possíveis ocorrências de gripe aviária — fator essencial para manter os mercados externos abertos e assegurar o pleno aproveitamento das oportunidades ao longo do ano.

Destaques – Insumos Agrícolas

O macrossetor de Insumos Agrícolas segue como um dos pilares estratégicos do agronegócio brasileiro, garantindo produtividade e competitividade nas cadeias agroindustriais. Para 2026, o mercado mantém expectativa de trajetória de expansão, impulsionado pela demanda contínua por fertilizantes, sementes, defensivos e máquinas agrícolas, além do avanço expressivo dos bioinsumos. Apesar da relevância dos negócios das empresas pertencentes às cadeias produtivas da agropecuária no contexto da economia brasileira, o setor tem convivido com importantes desafios relacionados a margens de rentabilidade mais estreitas, elevada dependência de importados – especialmente fertilizantes –, volatilidade cambial e, principalmente, condições financeiras mais restritas no campo, o que tem provocado desdobramentos impactantes sobre a dinâmica operacional e financeira das empresas de insumos e máquinas.

O mercado brasileiro de **fertilizantes** iniciou 2026 sob um ambiente misto, combinando alívio parcial nas pressões sobre preços, pressões estruturais persistentes associados a dependência externa e mudanças importantes na composição da demanda, especialmente quanto ao uso menos intensivo em parte das lavouras. Os preços dos fertilizantes ainda devem seguir exercendo pressão sobre a dinâmica financeira dos produtores, com desdobramentos sobre as condições operacionais e financeiras das empresas. Em relação às vendas no Brasil, a expectativa, segundo a companhia Yara Fertilizantes, é de crescimento entre 4% e 5% nas entregas em 2026, sustentado pela forte produção agrícola e pela necessidade de reposição de nutrientes no solo. Além disso, permanece a tendência de substituição de fontes tradicionais (ureia e MAP) por alternativas mais baratas, como sulfato de amônio, superfosfato simples (SSP), superfosfato triplo (TSP) e nitrogênio, fósforo e Enxofre (NPs), estratégia adotada para driblar custos elevados. Esse movimento tem levado o Brasil a operar com volumes recordes de importação, ainda que com menor concentração nutritiva por tonelada.

O mercado brasileiro de **defensivos agrícolas** manteve crescimento em 2025, impulsionado pelo recorde de novos registros e pela entrada de novas empresas no setor, acompanhando a expansão contínua da área cultivada ao longo dos últimos 15 anos. Para 2026, o setor deve registrar crescimento moderado, mas sob influência de um fator externo relevante: a China, principal fornecedora de inseticidas e outros defensivos ao Brasil, anunciou o cancelamento dos reembolsos de impostos sobre a exportação de pesticidas técnicos, incluindo glufosinato, L glufosinato, acefato, malathion, profenofós, etefom, fosetil alumínio e triclorfom. A medida, válida a partir de 1º de abril de 2026, deve elevar em cerca de 9% os preços FOB desses ingredientes ativos. A relevância desse movimento é ainda maior para o Brasil, que em 2025 importou da China 69,2% dos inseticidas, rodenticidas, fungicidas, reguladores de crescimento vegetal e desinfetantes, totalizando 722,6 mil toneladas.

Em relação ao segmento de **sementes**, o país ocupa atualmente a 4ª posição mundial no mercado, atrás de Estados Unidos, China e Índia. Em 2025, o mercado brasileiro movimentou cerca de R\$ 40 bilhões, segundo projeções da CropLife Brasil (CLB). A produção anual é estimada em 5,8 milhões de toneladas, com destaque para soja, milho e algodão, estimulada pela expansão das principais culturas agrícolas e pela crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). As projeções indicam que para 2026 as vendas continuarão em trajetória de crescimento nos patamares de 2025. Apesar do avanço, o setor enfrenta desafios importantes. A ausência de um marco regulatório claro para novas tecnologias limita a inovação e favorece a proliferação de sementes irregulares, especialmente no caso da soja. Dados consolidados pela Céleres Consultoria, com elaboração da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes de Soja (ABRASS), indicam que, na safra 2025/26, 27% da área plantada no país será cultivada com sementes não certificadas, o equivalente a cerca de 13 milhões de hectares. Esse cenário gera concorrência desleal, impactando o ritmo das atividades e pressionando a rentabilidade das empresas.

Após crescer 7,4% em 2025 e atingir R\$ 66,75 bilhões, o setor de **máquinas e implementos agrícolas** deve avançar 3,4% em 2026, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), embora tais evoluções ainda não sejam capazes de compensar as fortes perdas de anos anteriores a 2025. Taxa de juros alta e condições financeiras mais frágeis no campo adiam investimentos para renovação do maquinário. Do ponto de vista tecnológico, o setor deve consolidar avanços como automação, conectividade, inteligência artificial embarcada e soluções de baixo carbono. Apesar dos desafios relacionados ao crédito restrito e à pressão sobre a rentabilidade dos produtores, o mercado seguirá apoiado por essa modernização tecnológica, pela demanda consistente por máquinas de menor porte e pelo forte crescimento do segmento de equipamentos usados.



BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)